

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE ECONOMIA
ECONOMIA CATARINENSE

DIEGO FERNANDO DE OLIVEIRA
LEONARDO NARLOCH RIZZO HAHN
MATHEUS ZIMMERMANN

DEMOGRAFIA CATARINENSE

Florianópolis

2025

INTRODUÇÃO

Santa Catarina tem ocupado, nas últimas décadas, um lugar de destaque no cenário demográfico brasileiro. Com taxas de crescimento populacional superiores à média nacional e indicadores sociais frequentemente posicionados entre os melhores do país, o estado consolidou-se como um dos territórios de maior dinamismo populacional e socioeconômico do sul do Brasil. Contudo, esse crescimento demográfico apresenta características territoriais, migratórias e estruturais que demandam análise aprofundada para melhor compreensão dos fatores que o condicionam.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do estado passou de cerca de 5,8 milhões de habitantes em 2010 para mais de 7,6 milhões em 2022, com estimativas que projetam a ultrapassagem da marca de 8 milhões até 2025. No período intercensitário, Santa Catarina apresentou um crescimento de 21,8%, o segundo maior entre todas as unidades federativas. Esse crescimento, embora quantitativamente relevante, revela padrões de distribuição populacional que são marcadamente regionais, com destaque para o adensamento nas regiões do litoral centro-norte, Vale do Itajaí e Grande Florianópolis.

O litoral catarinense tem se destacado como principal polo de atração populacional, impulsionado por fatores como a concentração de atividades econômicas dinâmicas, presença de infraestrutura urbana consolidada, oferta de serviços, turismo e qualidade ambiental. Em contraposição, regiões do interior, como o Planalto Sul e o Oeste, apresentam crescimento mais moderado, o que pode ser compreendido a partir de fatores econômicos e demográficos específicos, como mudanças no perfil da base produtiva, alterações na estrutura etária e migração de população jovem em busca de oportunidades.

Nesse contexto, os movimentos migratórios internos têm papel central na composição populacional do estado. O saldo migratório positivo registrado por Santa Catarina reflete a atratividade de seus centros urbanos e a percepção de oportunidades em diferentes setores econômicos. Cidades como Itajaí, Joinville, Blumenau, Palhoça e Balneário Camboriú apresentam crescimento acentuado, acompanhando a tendência de concentração demográfica em polos com infraestrutura e mercados de trabalho mais dinâmicos.

Além dos fluxos internos, observa-se também a presença de contingentes populacionais oriundos de outros países, com participação em diferentes segmentos da economia local. Esses fluxos, somados ao processo de envelhecimento populacional e à urbanização

acelerada, compõem um quadro demográfico em transformação, que exige respostas adequadas em termos de políticas públicas e planejamento territorial.

A urbanização catarinense, por sua vez, apresenta características particulares. Embora o estado não possua uma região metropolitana com concentração populacional comparável às grandes metrópoles brasileiras, observa-se um crescimento expressivo de cidades de médio porte, com dinâmica regional significativa. Essas cidades desempenham papel central na organização do território estadual, concentrando atividades econômicas, serviços e funções administrativas, configurando-se como eixos estruturantes da rede urbana catarinense.

A distribuição espacial da população, os fluxos migratórios e o processo de urbanização estão estreitamente ligados às transformações demográficas e territoriais observadas nas últimas décadas. Estudos como os de Miotto, Lins e Mattei (2002) já destacavam, no início do século XXI, os primeiros sinais de litoralização populacional e transição demográfica consolidada. Atualmente, observa-se a intensificação desses processos, com implicações para a gestão urbana, o ordenamento territorial e o desenvolvimento regional equilibrado.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as principais tendências demográficas de Santa Catarina, com ênfase nos processos de crescimento populacional, redistribuição espacial, migrações internas e internacionais, urbanização e transformações da estrutura etária. A abordagem adotada parte da articulação entre dados censitários, literatura especializada e interpretação crítica dos padrões territoriais em curso, buscando contribuir para a compreensão integrada da realidade populacional catarinense.

Entende-se que a demografia é um elemento estruturante da dinâmica territorial, influenciando diretamente a formulação de políticas públicas, o planejamento urbano-regional e a distribuição de recursos. Por isso, compreender os movimentos da população é também entender as bases sobre as quais se constrói o futuro do estado. Ao analisar os dados e interpretações disponíveis, este estudo pretende oferecer subsídios para uma leitura abrangente e fundamentada da realidade demográfica de Santa Catarina no contexto contemporâneo, contribuindo com diagnósticos que possam auxiliar a tomada de decisão em âmbitos governamentais, acadêmicos e institucionais.

METODOLOGIA

Para analisar a demografia do estado foram utilizados dados provenientes dos Censos demográficos de 2000, 2010 e 2022. A análise se concentrou na composição e distribuição da

população bem como a evolução ao longo do período de análise. Não foram consideradas a fecundidade e saldo migratório, pois os dados referentes não foram publicados a tempo para serem considerados na análise.

O recorte territorial escolhido para aprofundamento foi o da mesorregião para garantir a comparabilidade entre os censos e por proporcionar a análise da realidade estadual, análise por microrregiões ou municípios poderá ser oportuna em trabalhos mais extensos ou que tenham como objeto de análise uma mesorregião catarinense.

A escolha dos dados e elaboração das tabelas referentes à distribuição da população foi feita com base no trabalho de Miotto, Lins e Mattei (2010). Desse modo os dados e medidas demográficas utilizadas foram as seguintes: população, população por situação de domicílio, população municipal por estrato de habitantes, taxa de crescimento geométrico e densidade geográfica.

Os dados selecionados para a análise etária da população foram escolhidos a partir da REDE Interagencial de Informação para a Saúde (2008). Assim, levou-se em conta a taxa de envelhecimento e a razão de dependência, que medem respectivamente, a proporção entre pessoas com mais de 59 anos e menores de 15, e a proporção entre a população economicamente inativa e ativa.

DEMOGRAFIA DE SANTA CATARINA

A evolução demográfica de Santa Catarina ao longo das últimas décadas revela um processo de crescimento populacional consistente e acima da média nacional. A partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000, 2010 e 2022, é possível observar não apenas o aumento absoluto da população, mas também transformações importantes em sua distribuição territorial e composição urbana. A Tabela 1 sintetiza esse crescimento, destacando o desempenho do estado em relação à região Sul e ao Brasil. Esses dados fornecem a base para uma análise mais aprofundada das dinâmicas demográficas catarinenses no século XXI.

Tabela 1: População do estado de Santa Catarina (2000 - 2010 - 2022)

Território	Quantidade de Habitantes	Participação Brasil (%)	Taxa de Crescimento Geométrico (%)
-------------------	---------------------------------	--------------------------------	---

	2000	2010	2022	2000	2010	2022	00/10	10/22	00/22
Santa Catarina	5.356.360	6.248.436	7.610.361	3,15	3,28	3,75	1,55	1,66	1,61
Sul	25.107.616	27.386.891	29.937.706	14,79	14,36	14,74	0,87	0,74	0,80
Brasil	169.799.170	190.755.799	203.080.756	100,00	100,00	100,00	1,17	0,52	0,82

Fonte: Censo demográfico (IBGE). Elaborado pelos autores.

A análise da população por situação de domicílio em Santa Catarina (Tabela 2) revela a continuidade e intensificação do processo de urbanização apontado nas décadas anteriores. Segundo o estudo de Miotto, Lins e Mattei (2010), já se observava entre 1980 e 2000 um deslocamento populacional progressivo do meio rural para o urbano, com a taxa de urbanização passando de 63,5% (1980) para 78,7% (2000). Esse processo estava acompanhado, à época, por uma redução gradual das taxas de crescimento populacional, em sintonia com a tendência nacional de desaceleração demográfica.

No entanto, os dados mais recentes dos Censos de 2010 e 2022 demonstram que, embora a urbanização tenha se mantido acentuada, atingindo 88,36% em 2022, a trajetória do crescimento populacional catarinense se dissociou da tendência nacional. Enquanto o Brasil apresentou uma taxa de crescimento geométrico de decrescente (1,17 entre 2000 e 2010, e apenas 0,52% entre 2010 e 2022), Santa Catarina registrou um aumento de sua taxa de crescimento geométrico, passando de 1,55% (2000-2010) para 1,66% (2012-2022).

Tabela 2: População por situação de domicílio em Santa Catarina (2000 - 2010 - 2022)

Situação de Domicílio	Quantidade de Habitantes			Taxa de Urbanização (%)			Taxa de Crescimento Geométrico (%)		
	2000	2010	2022	2000	2010	2022	00/10	10/22	00/22
Rural	1.138.429	1.000.523	886.089	-	-	-	-1,28	-1,01	-1,13
Urbano	4.217.931	5.247.913	6.724.272	-	-	-	2,21	2,09	2,14
Total	5.356.360	6.248.436	7.610.361	78,75	83,99	88,36	1,55	1,66	1,61

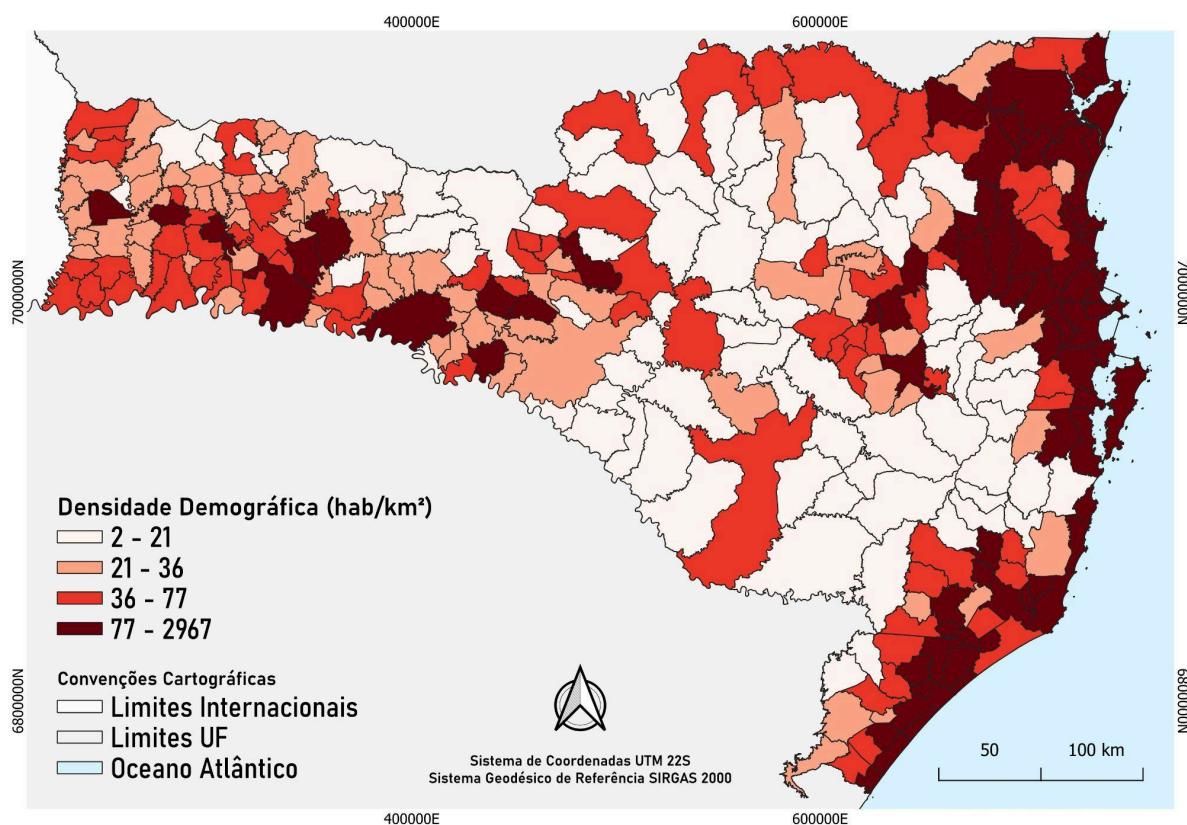
Fonte: Censo demográfico (IBGE). Elaborado pelos autores.

Outro indicador que elucidada a análise da ocupação do território é o de densidade populacional ilustrado pelo Mapa 1. Este revela a forte concentração populacional no litoral centro-norte, destacando os polos urbanos de Joinville, Itajaí, Balneário Camboriú, Blumenau e Florianópolis, que compõem o principal corredor de adensamento demográfico do estado.

Essa distribuição espacial confirma a tendência histórica de litoralização da população, já apontada em estudos anteriores, como o de Miotto, Lins e Mattei (2010).

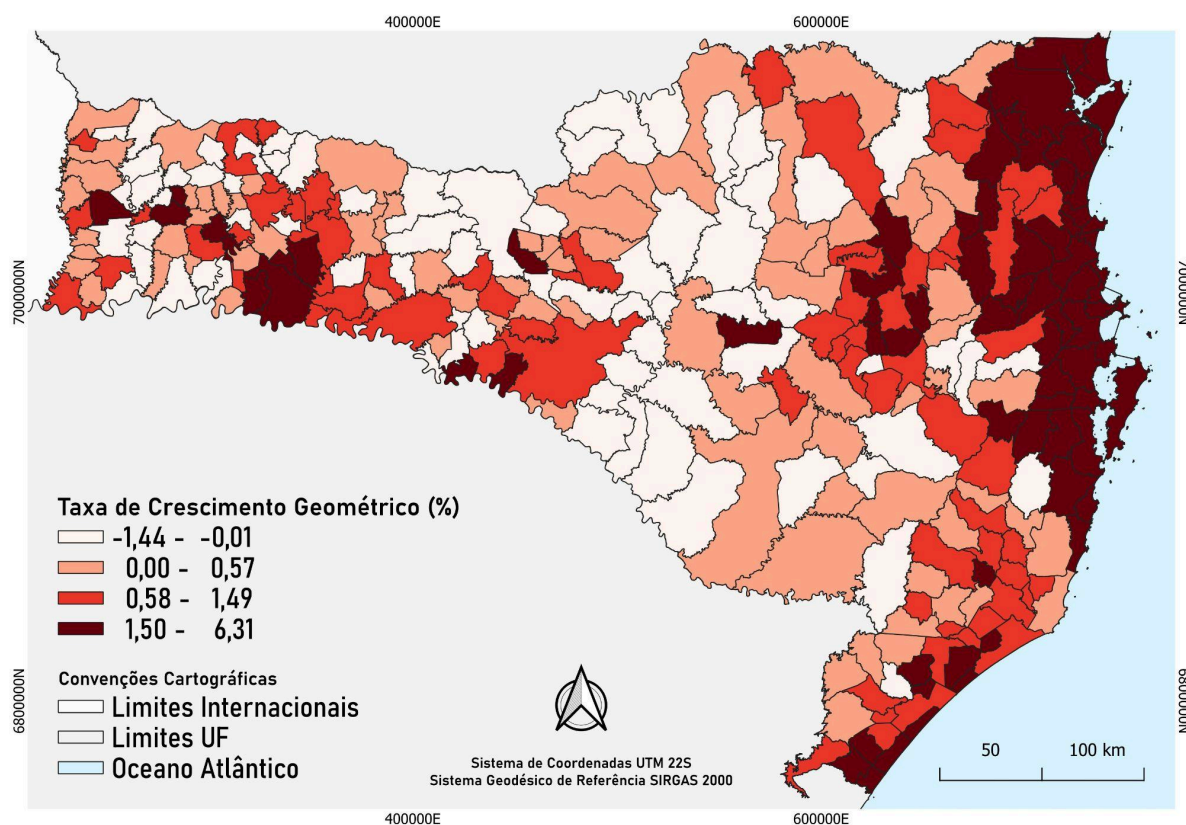
O Mapa 2, por sua vez, mostra que os maiores índices de crescimento populacional entre 2010 e 2022 se concentram não apenas nas grandes cidades já consolidadas, mas também em municípios médios e periféricos às regiões metropolitanas. Cidades como Palhoça (4,11%) e Camboriú (4,28%) apresentaram as maiores taxas de crescimento geométrico entre os grandes municípios, evidenciando dinâmicas de expansão urbana em áreas adjacentes aos centros principais. Outros destaques incluem Itajaí (3,09%), Chapecó (2,77%), Brusque (2,47%), São José e Balneário Camboriú (ambas com 2,13%), além da própria Florianópolis e Jaraguá do Sul (2,05%), todas com ritmos acima da média estadual.

Mapa 1: Densidade demográfica e distribuição da população em Santa Catarina (2022)



Fonte: Censo demográfico (IBGE). Elaboração própria.

Mapa 2: Taxa de crescimento geométrico por município (2010/2022)



Fonte: Censo demográfico (IBGE). Elaboração própria.

Esse processo de concentração demográfica também se evidencia na Tabela 3, que mostra a evolução da distribuição da população catarinense por estratos de tamanho municipal. Os dados revelam que a dinâmica recente favorece não apenas as grandes cidades, mas também reforça a centralização populacional nos municípios mais populosos do estado. Em 2000, os dez municípios mais populosos concentravam 38% da população estadual; essa participação subiu para 39% em 2010 e atingiu 41% em 2022, evidenciando um padrão contínuo de concentração populacional em centros urbanos consolidados.

Ao mesmo tempo, verifica-se um comportamento inverso entre os municípios pequenos. Dos 102 municípios com menos de 5.000 habitantes em 2010, 41 perderam população até 2022, o que corresponde a cerca de 40% desse grupo. Esses números refletem um duplo movimento: de um lado, a atração exercida pelos centros urbanos maiores e médios, que concentram infraestrutura, oportunidades econômicas e acesso a serviços; de outro, a fragilidade demográfica dos pequenos municípios, que enfrentam estagnação ou declínio populacional, muitas vezes associada ao envelhecimento da população e à saída de jovens em busca de trabalho ou educação.

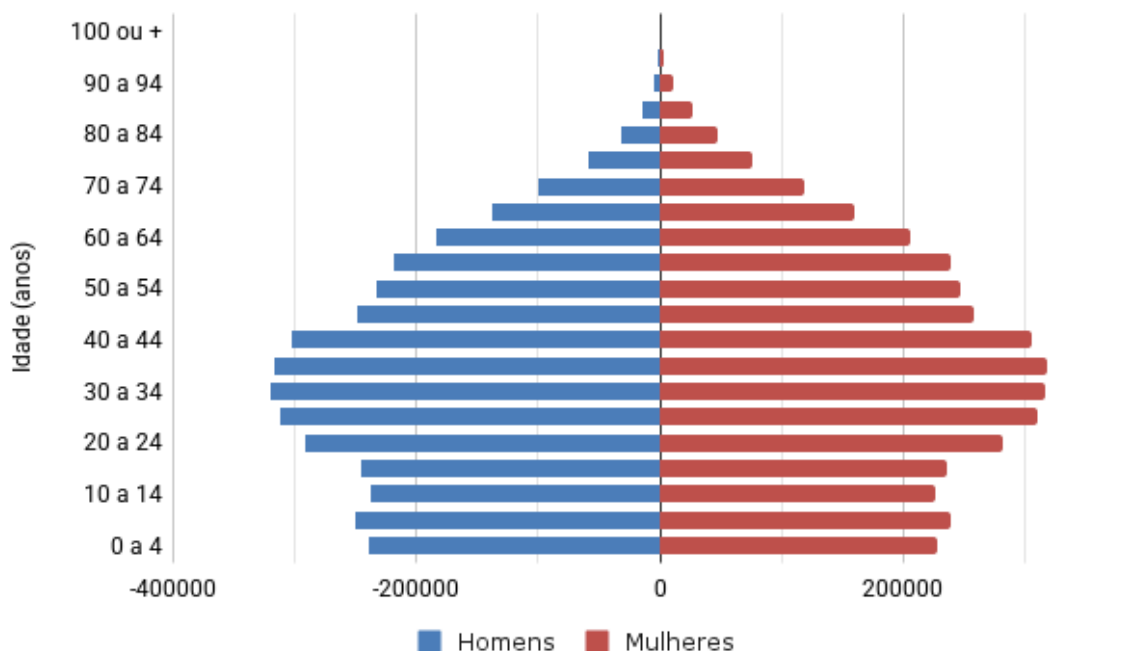
Tabela 3: População municipal por estrato de habitantes (2000 - 2010 - 2022)

Intervalo (Nº hab.)	Quantidade de Municípios			Número de Habitantes			Participação (%)		
	2000	2010	2022	2000	2010	2022	2000	2010	2022
1000 – 2000	8	12	11	14.429	20.989	19.579	0,27	0,34	0,26
2001 – 5000	98	96	91	320.329	320.271	302.203	5,98	5,13	3,97
5001 – 10000	76	64	60	541.436	467.560	437.500	10,11	7,48	5,75
10001 – 20000	61	60	61	837.174	819.028	841.949	15,63	13,11	11,06
20001 – 50000	31	34	40	1.014.125	1.011.301	1.227.129	18,93	16,18	16,12
50001 – 100000	9	15	18	587.787	943.957	1.199.640	10,97	15,11	15,76
100001 – 300000	8	9	11	1.269.161	1.419.791	2.067.572	23,69	22,72	27,17
Mais de 300000	2	3	3	771.919	1.245.539	1.514.789	14,41	19,93	19,90
Total	293	293	295	5.356.360	6.248.436	7.610.361	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censo demográfico (IBGE). Mioto *et al* (2010). Elaborado pelos autores.

Para a análise da estrutura etária da população a pirâmide etária de Santa Catarina em 2022 (Gráfico 1) revela um claro estreitamento na base, refletindo a redução da fecundidade, e uma ampliação significativa do topo, indicando o envelhecimento populacional em curso.

Gráfico 1: Pirâmide etária de Santa Catarina (2022)



Fonte: Censo demográfico (IBGE). Elaborado pelos autores.

A Tabela 4 revela que Santa Catarina apresentou, ao longo dos anos, taxas de envelhecimento mais próximas das registradas no Brasil do que da média da Região Sul. Em 2000, a taxa

catarinense (28,52) era inferior tanto à do Sul (33,36) quanto à do Brasil (28,92), e embora tenha crescido de forma consistente até 2022, atingindo 83,22, esse patamar ainda se mantém mais próximo do valor nacional (80,03) do que da média regional (95,40). Em relação à razão de dependência, observa-se uma trajetória de queda entre 2000 (56,78) e 2010 (47,74), seguida de aumento em 2022 (52,12), o que indica que o estado já ultrapassou seu bônus demográfico, período caracterizado por baixa razão de dependência e alta proporção de população em idade ativa. Esse novo patamar sinaliza a transição para uma fase de maior pressão sobre os sistemas previdenciário e de saúde, impulsionada pelo avanço do envelhecimento populacional.

Tabela 4 : Taxa de envelhecimento e razão de dependência em Santa Catarina (2000 - 2010 - 2022)

Território	Taxa de Envelhecimento			Razão de Dependência		
	2000	2010	2022	2000	2010	2022
Santa Catarina	28,52	48,22	83,22	56,78	47,74	52,12
Sul	33,36	54,94	95,40	58,00	51,17	56,40
Brasil	28,92	44,83	80,03	61,72	53,55	55,22

Fonte: Censo demográfico (IBGE). Elaborado pelos autores.

DEMOGRAFIA DAS MESORREGIÕES CATARINENSES

Ao analisar os dados por mesorregião, observa-se um claro reposicionamento da distribuição populacional no território catarinense ao longo das duas últimas décadas. A Grande Florianópolis e o Vale do Itajaí destacam-se como as mesorregiões com maior crescimento relativo em participação populacional no estado. A Grande Florianópolis aumentou sua fatia de 14,99% em 2000 para 17,44% em 2022, enquanto o Vale do Itajaí passou de 22,15% para 25,96% no mesmo período. Esse avanço evidencia o fortalecimento dessas regiões como polos de atração populacional e dinamismo urbano, refletindo o crescimento expressivo de municípios como Palhoça, Itajaí, Brusque e Balneário Camboriú.

Em contraste, o Oeste Catarinense apresentou redução contínua de sua participação, que caiu de 20,85% em 2000 para 17,85% em 2022, com uma taxa de crescimento geométrico média de apenas 0,89% ao ano no período completo. Tal queda indica um processo de esvaziamento

relativo, possivelmente associado à migração de jovens e à perda de dinamismo econômico em municípios com base produtiva tradicional e menor diversificação setorial.

A Região Norte Catarinense, por sua vez, manteve praticamente estável sua participação na população do estado, oscilando de 19,17% (2000) para 19,00% (2022), o que revela uma estagnação relativa, mesmo com importantes centros industriais como Joinville e Jaraguá do Sul. Essa estabilidade contrasta com o crescimento verificado nas regiões vizinhas e sugere que o padrão atual de crescimento populacional não está necessariamente vinculado à presença do setor industrial, que historicamente foi motor de atração demográfica no estado.

Tabela 5: População por mesorregião catarinense (2000 - 2010 - 2022)

Mesorregião	Quantidade de Habitantes			Participação SC (%)			Taxa de Crescimento Geométrico (%)		
	2000	2010	2022	2000	2010	2022	00/10	10/22	00/22
Vale do Itajaí	1.186.215	1.508.980	1.321.993	22,15	24,15	25,96	2,44	2,27	2,35
Oeste Catarinense	1.116.766	1.200.712	860.563	20,85	19,22	17,85	0,73	1,03	0,89
Norte Catarinense	1.026.606	1.212.843	1.063.909	19,17	19,41	19,00	1,68	1,48	1,57
Sul Catarinense	822.671	925.065	753.153	15,36	14,80	14,20	1,18	1,30	1,25
Grande Florianópolis	803.151	994.095	915.864	14,99	15,91	17,44	2,16	2,44	2,31
Serrana	400.951	406.741	332.431	7,49	6,51	5,56	0,14	0,33	0,24
Total	5.356.360	6.248.436	7.610.361	100,00	100,00	100,00	1,55	1,66	1,61

Fonte: Censo demográfico (IBGE). Elaborado pelos autores.

Essa leitura é reforçada quando se observam os dados da Tabela 6, que detalha a evolução da população urbana e rural por mesorregião. Embora todas as regiões tenham apresentado crescimento da taxa de urbanização entre 2000 e 2022, as diferenças de ritmo e magnitude revelam nuances importantes na dinâmica territorial catarinense.

A Grande Florianópolis, por exemplo, já partia de uma taxa urbana elevada em 2000 (90,33%) e atingiu 95,40% em 2022, consolidando-se como a mesorregião mais urbanizada do estado. O Vale do Itajaí também apresentou um avanço significativo nesse indicador, passando de 83,70% para 91,18%, em linha com seu crescimento populacional expressivo. Ambas as regiões combinam forte urbanização com crescimento populacional acelerado,

indicando uma atração que ultrapassa os fatores tradicionalmente associados à indústria pesada, como observado na estagnada Região Norte.

A Região Norte Catarinense, apesar de abrigar importantes polos industriais como Joinville e Jaraguá do Sul, manteve uma taxa de urbanização já elevada (85,35% em 2000) e alcançou 90,03% em 2022. No entanto, essa urbanização não foi acompanhada por um crescimento proporcional na participação demográfica, o que reforça a tese de que o atual crescimento populacional de Santa Catarina não está exclusivamente ligado à industrialização, mas sim a um conjunto de fatores mais amplos. Entre eles, destacam-se o dinamismo do setor de serviços, o crescimento do mercado imobiliário, a valorização da qualidade de vida e a atração por regiões com infraestrutura urbana consolidada e boa inserção no mercado de trabalho formal.

Tabela 6: População por situação de domicílio por mesorregião catarinense (2000 - 2010 - 2022)

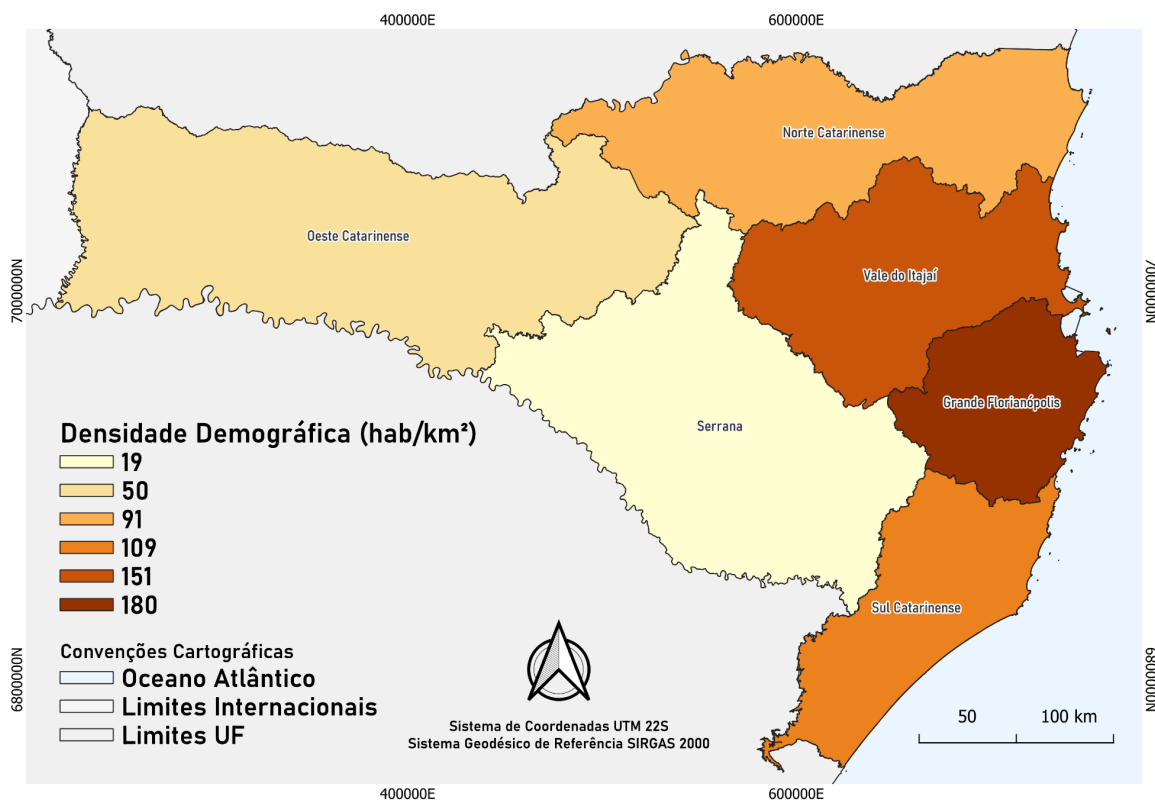
Mesorregião	População Urbana			População Rural			Taxa de Urbanização (%)		
	2000	2010	2022	2000	2010	2022	2000	2010	2022
Vale do Itajaí	992.887	1.321.993	1.801.130	193.328	186.987	174.302	83,70	87,61	91,18
Oeste Catarinense	702.616	860.563	1.075.668	414.150	340.149	299.565	62,92	71,67	78,22
Norte Catarinense	876.170	1.063.909	1.302.128	150.436	148.934	144.198	85,35	87,72	90,03
Sul Catarinense	608.230	753.153	936.039	214.441	171.912	144.470	73,93	81,42	86,63
Grande Florianópolis	725.509	915.864	1.265.850	77.642	78.231	61.052	90,33	92,13	95,40
Serrana	312.519	332.431	355.312	88.432	74.310	67.692	77,94	81,73	84,00
Total	4.217.931	5.247.913	6.724.272	1.138.429	1.000.523	886.089	78,75	83,99	88,36

Fonte: Censo demográfico (IBGE). Elaborado pelos autores.

O Mapa 3, ao ilustrar a densidade demográfica por mesorregião em 2022, reforça visualmente o padrão de concentração populacional na faixa litorânea, especialmente nas regiões da Grande Florianópolis e do Vale do Itajaí, que apresentam as maiores densidades do estado. Esses territórios, que já se destacavam por sua taxa de urbanização e crescimento populacional absoluto, agora também se confirmam como os espaços mais adensados de

Santa Catarina, refletindo tanto a atratividade desses centros quanto os desafios decorrentes do aumento populacional, como pressão sobre infraestrutura urbana, habitação e mobilidade.

Mapa 3: Densidade demográfica por mesorregião catarinense (2022)



Fonte: Censo demográfico (IBGE). Elaborado pelos autores.

A Tabela 7 destaca as diferenças no envelhecimento populacional entre as mesorregiões catarinenses. Em 2022, as maiores taxas de envelhecimento foram registradas no Sul Catarinense (93,13) e na Grande Florianópolis (88,20), enquanto o Norte Catarinense teve a menor (74,49). Já a razão de dependência foi mais elevada no Sul (55,77) e mais baixa na Grande Florianópolis (48,22), indicando menor pressão sobre a população em idade ativa nesta última.

Essas variações podem estar relacionadas a diferentes padrões de migração, oferta de serviços e oportunidades econômicas. Regiões como a Grande Florianópolis e o Vale do Itajaí, que atraem população jovem em busca de estudo e trabalho, tendem a manter uma estrutura etária mais equilibrada. Já regiões com menor dinamismo econômico, como o Sul e a Serrana, podem experimentar envelhecimento mais acentuado devido à saída de jovens e à permanência de populações mais idosas.

Tabela 7: Taxa de envelhecimento e razão de dependência por mesorregião catarinense (2000 - 2010 - 2022)

Mesorregião	Taxa de Envelhecimento			Razão de Dependência		
	2000	2010	2022	2000	2010	2022
Vale do Itajaí	30,43	47,35	78,04	54,95	46,28	49,96
Oeste Catarinense	28,37	51,57	82,00	60,29	50,98	53,23
Norte Catarinense	25,31	40,91	74,49	56,41	47,42	51,08
Sul Catarinense	29,78	52,35	93,13	57,28	47,95	55,77
Grande Florianópolis	49,10	51,65	88,20	72,41	43,48	48,22
Serrana	28,00	47,35	83,03	62,97	55,52	51,35
Santa Catarina	28,52	48,22	83,22	56,78	47,74	52,12

Fonte: Censo demográfico (IBGE). Elaborado pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre 2000 e 2022, Santa Catarina apresentou crescimento populacional contínuo, mantendo taxas superiores à média nacional. Esse crescimento foi acompanhado por uma intensificação do processo de urbanização, com aumento da concentração populacional em cidades médias e grandes, especialmente nas regiões da Grande Florianópolis e do Vale do Itajaí.

A estrutura etária da população catarinense também se transformou no período, com crescimento expressivo da taxa de envelhecimento e aumento da razão de dependência. Esses indicadores refletem uma mudança no perfil etário do estado, com ampliação das faixas mais velhas e redução proporcional da população jovem, em linha com as tendências observadas no Brasil e na Região Sul.

As mesorregiões de Santa Catarina apresentaram comportamentos demográficos variados. A Grande Florianópolis e o Vale do Itajaí ampliaram sua participação relativa na população do estado, enquanto o Oeste registrou redução e o Norte manteve-se estável. Também se observaram contrastes nos níveis de urbanização, com as regiões litorâneas concentrando os maiores índices. No que diz respeito à estrutura etária, houve diferenças nas taxas de envelhecimento e de dependência, com algumas regiões apresentando avanços mais intensos

nesse processo. A densidade demográfica também variou significativamente, sendo mais elevada nas áreas costeiras e menor nas regiões do interior.

Esses resultados demonstram importantes transformações demográficas no estado ao longo das últimas duas décadas, com implicações diretas para o planejamento e a organização do espaço regional.

REFERÊNCIAS

MIOTO, B. T.; LINS, H. N.; MATTEI, L. A realidade demográfica de Santa Catarina na virada do século XXI. LINS, H. N.; MATTEI, L. **A socioeconomia catarinense do início do século XXI**, Chapecó: Argus, 2010, p. 383-323.

REDE INTERAGENCIAL DE INFORMAÇÃO PARA A SAÚDE. **Indicadores básicos para a saúde no Brasil: conceitos e aplicações**. 2. ed. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2008.